

**Narrativas feministas anarquistas: discutindo ideias e memórias sobre a luta
feminista latino americana**

GLEIDIANE DE SOUSA FERREIRA¹

No contexto dos feminismos contemporâneos e das lutas feministas pós-ditaduras militares na América latina, este trabalho busca discutir algumas memórias de militantes do coletivo feminista anarquista Mujeres Creando na Bolívia. Tal coletivo emergiu no início dos anos de 1990 e até hoje é um dos grupos independentes e autogestionados mais ativos no Cone Sul, tendo como um dos objetivos centrais travar lutas autônomas e denunciar as práticas “patriarcais” existentes nos movimentos de esquerda, nas organizações baseadas nos discursos étnicos-raciais, no Estado boliviano e no próprio feminismo. A atuação dessas mulheres baseou-se em uma ampla crítica às instituições e à cultura política bolivianas, o que marcadamente culminou numa identificação com um feminismo que busca, segundo elas, autonomia e independência com relação aos feminismos liberais vinculados ao Estado, às ONG internacionais e aos partidos políticos tão amplamente disseminados na América Latina.

As diferentes intervenções e lutas sociais desenvolvidas por elas, especialmente na cidade de La Paz, além de uma ampla produção escrita e audio-visual são alguns dos exemplos das atividades construídas ao longo das duas décadas de atuação do grupo. Desse modo, situando-as em um contexto de pós-ditaduras no Cone Sul - momento e lugar em que muitas dessas feministas começaram sua relação com os movimentos sociais - este texto visa problematizar as narrativas fundacionais que articulam feminismo e anarquismo na história recente latino-americana, em especial, no seu contexto boliviano. Assim, e partindo principalmente da metodologia da história oral, a proposta do texto é lançar através das memórias dessas mulheres questionamentos e provocações sobre as narrativas históricas recentes do feminismo latino americano, explicitando seus conflitos de ideias, perspectivas e táticas.

Considerações iniciais

¹ Doutoranda em História Cultural pela Universidade Federal Santa Catarina – UFSC. Bolsista Capes.

É sabido que a recente história do feminismo latino-americano foi afetada pelos contextos políticos e sociais do fim da década de 1980 e inícios da década de 1990. Tal período - posterior à chamada “Guerra Fria” e de transições de governos militares que firmaram as ditaduras civis e militares do Cone Sul latino-americano – influenciou as diversas lutas dos feminismos na América Latina, suas produções discursivas, suas táticas e críticas sociais feministas, e as diferentes disputas ideológicas desse período.

Pensando a efervescência discursiva desse momento, gostaria de lançar algumas reflexões sobre esse contexto, tomando como base as narrativas fundacionais e as memórias de militância de algumas das mulheres do grupo feminista anarquista Mujeres Creando. Mais do que explorar a memória pessoal ou coletiva de integrantes do grupo quanto ao tema do feminismo, esse texto busca lançar alguns olhares a respeito do contexto político que envolve impressões públicas e pessoais sobre a luta feminista e sobre a tão falada “igualdade de gênero”. A proposta é ressaltar a forma com que a memória advinda de práticas feministas anarquistas pode colaborar numa reflexão crítica sobre a história recente do feminismo latino-americano.

Para tal, partindo especialmente da metodologia da História Oral, analiso algumas entrevistas feitas ao grupo e concedidas a mim em fevereiro de 2015. Entendo que essa metodologia é bastante frutífera para dar complexidade às narrativas “oficiais” da história. Como afirma a historiadora Verena Alberti, a pesquisa com documentos orais permite “um estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências”, e a partir disso, nos permite compreender como essas narrativas questionam “interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas”. (ALBERTI; 2006: 165)

Nesse sentido, os questionamentos que orientam esse trabalho são: como as narrativas fundacionais do grupo Mujeres Creando nos ajudam a pensar o contexto da militância social boliviana em meados dos anos 1990? De que maneira as críticas elaboradas desde uma perspectiva do feminismo anarquista contribuem para uma discussão sobre a história recente do feminismo latino-americano?

América Latina e Bolívia em inícios da década de 1990

Na década de 1990, a Bolívia viveu um momento de reestruturação e retomada das lutas sociais que marcaram as últimas décadas no país. O contexto de pós-ditaduras militares, assim como o fortalecimento dos discursos e pautas étnico-raciais no âmbito das lutas políticas marcou a experiência política de muitas mulheres militantes nesse momento. Muitas das que se identificaram com o feminismo, e até mesmo as que não se reivindicaram feministas, viram os limites que os espaços da tradicional “esquerda” e que contavam com a presença majoritária de homens, impunham às pautas específicas das mulheres e aos debates que envolviam o machismo e as desigualdades sexuais. Temas como a sexualidade, o aborto, a responsabilidade do cuidado com as(os) filhas(os), a igualdade de participação nas tarefas realizadas pelos grupos de militância, dentre outras temáticas, não raramente foram alvo de embates políticos entre homens e mulheres desde os períodos ditatoriais.

Assim como apontaram algumas historiadoras sobre a memória de muitas militantes desse período no Cone Sul latino americano, a questão da “dupla militância” esteve constantemente presente nas narrativas dessas mulheres. Além das lutas contra as ditaduras militares, essas militantes tiveram que encabeçar diferentes debates e lutas dentro de seus próprios grupos de atuação. A falta de espaços para discutir os temas de seus interesses e a constante desqualificação teórica e prática das discussões relacionadas ao feminismo são fortes marcadores da lembrança dessas mulheres. (VEIGA, 2009: 162-163) A historiadora Joana Maria Pedro aponta que era comum que a base de interpretação das esquerdas durante esse período relacionasse as pautas feministas às lutas das mulheres burguesas, e que ao contrário de significar uma soma aos debates sobre igualdade, ele representaria uma divisão nas lutas sociais. (PEDRO; WOLFF; 2010: 145-146)

Considerando esses elementos, é possível indicar que esse enfretamento parece permanecer após os períodos militares. Depois das chamadas aberturas democráticas, principalmente após a intensificação das políticas neoliberais na América Latina, a dificuldade em se discutir as estruturas patriarcais da sociedade latino-americana, em especial boliviana, permanece como uma demanda política fundamental a ser combatida. É justamente nesse contexto que o grupo Mujeres Creando emerge como uma “fala” que se soma na visibilidade dessa questão. Expondo politicamente o desejo e a necessidade da articulação das mulheres por espaços que possam produzir lutas e

reflexões próprias, essas militantes apresentaram uma leitura sobre esse processo de exclusão, considerando também o modo como os poderes estão engendrados nas táticas políticas utilizadas por muitos movimentos de esquerda.

Esse aspecto é fundamental para entender a criação do grupo e sua diversidade característica. Composto por mulheres de faixas etárias diferentes, de grupos étnicos e raciais diversos, originárias ou não da região de La Paz, de partidos e movimentos da esquerda tradicional, de grupos anarquistas, lésbicas, prostitutas, dentre outros lugares sociais e posições de sujeito, essas mulheres compartilharam principalmente dessa necessidade de autonomia e de criar espaços em que a política possa ser construída criativamente, ideia que é expressa no próprio nome do grupo: *Mujeres Creando*.

Tal coletivo, surgido oficialmente em 1992, possui uma trajetória cujas articulações políticas em nível teórico e prático se materializaram a partir desses elementos e de uma feroz crítica aos discursos de gênero que apareciam, cada vez mais, na esfera das políticas públicas na Bolívia. Durante os mais de vinte anos de militância o coletivo atuou no enfrentamento ideológico no que se refere à crítica social latino-americana, na produção de discussões teóricas feministas, em atividades educativas e de agitações de rua, e principalmente, na apropriação de mídias - como jornal impresso, revistas periódicas e rádio feminista - que autonomizaram as práticas organizativas dessas mulheres.

Durante esse período, o coletivo construiu uma ampla atuação no cotidiano da cidade de La Paz, ou seja, elas vão sendo consideradas pela própria população pacenha, de grande importância na produção de espaços de debates feministas daquele lugar. A assistência às mulheres vítimas de violência, a creche para mães solteiras, a participação com uma análise feminista das discussões públicas que envolvem a política da cidade e as inúmeras intervenções urbanas efetuadas por elas, dificilmente passam despercebidas na paisagem urbana da cidade. Além disso, como exemplos da tentativa de criar autonomia organizativa e de difusão de suas próprias ideias, estão os grafites e a *Rádio Deseo* (conquistada por disputas em níveis municipais) como linguagens que permitem essa constante “voz” feminista em La Paz.



Marca-página produzido para divulgar a “Radio Deseo”. Essa rádio é organizada pelo coletivo e transmitida em toda a cidade de La Paz.

A ideia de construir espaços autônomos e auto-gestionados, ou seja, independentes das diretrizes e financiamentos governamentais, caracterizou esse grupo que pode ser considerado um dos mais ativos e combativos grupos feministas contemporâneos naquele país. Essas questões ficaram registradas na autodenominação indicada pelo grupo desde o início na década de 1990, em que se definiam como feministas anarquistas. Para elas, a filiação ao anarquismo se deu especialmente pela crítica e desconfiança que detinham a respeito das lutas institucionalizadas, especialmente dos partidos e do Estado, além da necessidade de produzir conhecimento sobre si partindo de suas lutas cotidianas.

Em entrevista que me foi concedida em fevereiro de 2015, uma das mais antigas militantes do grupo falou sobre a fundação do coletivo nos primeiros anos da década de 1990. A feminista rememorou a busca que ela fazia naquele momento por espaços que pudessem discutir o tema “de las mujeres”. Para ela, esses debates eram relevantes por motivações pessoais e também profissionais, pois ao realizar a função de educadora infantil e orientadora vocacional, achava cada vez mais fundamental uma discussão de caráter complexo (e político) sobre sexualidade, família e outros temas que careciam de aporte feminista na sua realidade. Além da busca por um espaço autônomo feminista, tais temas, segundo ela, já eram discutidos na atuação de outras mulheres que estiveram na fundação do grupo. Contou que:

S.H: (...) la mayoría de nosotras veníamos de colectivos de izquierda, cansadas digamos, de militar con algunos hombres donde el papel de las mujeres es relegado muchas veces a estereotipos de la cocina, de la organización de no sé qué.... lo de siempre, no?

Eu: ¿Secundario?

S.H: Secundario, sí ... surgió ahí la necesidad de crear una espacio de mujeres, desde donde poder construir nuestros propios pensamientos,

no? Discutir qué significa ser mujeres bolivianas, todo esta identidad.... hemos empezado a trabajar estos títulos.
(S.H; 2015)²

Como observado nesse pequeno trecho da entrevista, as narrativas fundacionais das integrantes do grupo são expressas dentro de duas questões centrais: a dificuldades de debates feministas e a constante opressão vivida nos espaços mistos da esquerda; a necessidade de realizar discussões sobre o que é ser “mulher” e principalmente de produzir pensamento sobre si. Esses pontos fundamentaram as distinções principais que o grupo realizou com outras organizações feministas do período.

Essa necessidade de superar os lugares que inicialmente eram destinados às mulheres nessas organizações tradicionais, assim como o desconforto em pensar que suas potencialidades eram desperdiçadas nesses espaços - e não raramente apropriadas pelos próprios companheiros como forma de autopromoção - foi repetidamente apresentado como elemento importante na busca pessoal dessas mulheres por novos espaços e novos formatos de militância.

Nesse sentido, a busca por esses formatos fez com que muitos outros conflitos fossem vivenciados também com as organizações feministas (ou de gênero) institucionalizadas que buscavam discutir a “questão das mulheres” nesse momento. É especialmente sobre essa questão que muitas das produções críticas e teóricas do grupo lançam reflexões críticas sobre o que se convencionou chamar de feminismo recente da América Latina, em especial, do feminismo institucionalizado.

Demarcando um lugar no feminismo: críticas a um feminismo institucional

Como vimos, a dificuldade com que a esquerda tradicional, em termos teóricos e práticos, tinha para perceber as diferentes opressões engendradas na sociedade boliviana, como o conservadorismo e o sexismo de suas organizações, fomentou, segundo muitas das memórias aqui analisadas, a necessidade de auto-organização dessas mulheres. No entanto, não foram apenas esses setores da esquerda que

² Entrevista de S.H. concedida dia de fevereiro de 2015. Embora não discutidas exaustivamente neste, vale explicitar que além dessa entrevista, mais 10 outras foram realizadas durante esse período de pesquisa.

apareceram como passíveis de críticas. Boa parte da tendência “oegenera” do feminismo latino-americano, assim como a luta daquelas que buscam os caminhos representativos para tratar das pautas feministas daquele momento, também foram alvo de muitos questionamentos.

A crítica aos grupos que chamaram de “tecnocratas de gênero” fazem parte, até os dias de hoje, da produção teórica do coletivo. As tecnocratas, segundo elas, são as mulheres que de uma forma generalizante falam da ideia de “gênero” e possuem forte tendência representacional, além de lançarem uma linguagem pouco “rebelde” no momento de tecerem crítica às diferentes posições de subordinação das mulheres em relação às estruturas de poder patriarcal, principalmente considerando temas como raça e classe. Essa forma de atuação seria bastante problemática, pois segundo elas, facilmente caem em um discurso disciplinado do feminismo, e que não supera a noção superficial do jargão “igualdade de gênero”, e uma suposta “unidade” das mulheres. Como indicado no livro *“No se puede descolonizar sin despatriarcalizar: teoría y propuesta de la despatriarcalización”* de uma das fundadoras e mais atuantes escritoras do grupo:

Me parece urgente hablar de la domesticación del feminismo, porque al menos tengo el derecho de distanciarme, diferenciarme e ponerme histórica cuando en algun momento me quieren poner en el mismo saco de aquellas mujeres que en coro quieren, piden y reclaman igualdad que se presentan como no amenazantes, como racionales, como no tan radicales. Es falsa la discusión de que es una cuestión de grados de radicalidad, una más radicales que otras, otras menos radicales que unas; al final confluimos en un mismo espacio y bajo a um mismo concepto de feminismo y de lucha.

No me interesa, a título de un mandato romántico de “unidad” entre mujeres, ser parte de ninguna forma, ni confundirme com el reclamo de igualdad que no es más que la domesticación del feminismo como maquillaje del sistema. Sea que hablemos a nivel cultural de opresiones que tengamos; una cosa es impugnar, subvertir y cuestionar el sistema; y otra muy distinta demandar la inclusión. (GALINDO, M; s.d. 39-40)

Para o coletivo, esses discursos “domesticados” não constroem um real combate ao patriarcado, às desigualdades de classe e de raça, e teriam como uma das suas características centrais falar em nome das mulheres. Diante da aproximação com o pensamento anarquista de autonomia e autogestão, assim como da crítica social feminista, a noção de transformação social e revolucionária compartilhadas pelo grupo

parte da produção de uma ampla exposição crítica dos limites com que essas práticas institucionalizadas do feminismo parecem imersas.

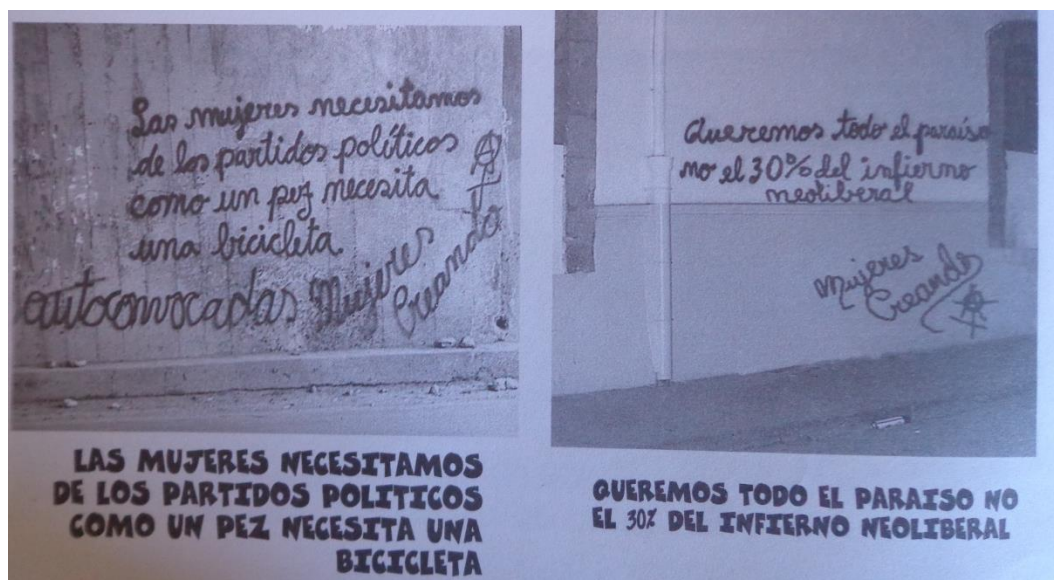


Imagem da página 66 do livro “Grafiteadas”. Essa publicação é uma compilação de fotografias dos grafites realizados pelas Mujeres Creando. Nela aparece uma crítica aos feminismos representativos.

Em contraponto a essas perspectivas do feminismo, elas ressaltam a importância de pensar as lutas feministas como um lugar *de onde se fala* e uma *crítica social revolucionária*, e não apenas uma retórica que argumenta pela “igualdade de gênero”. As feministas não poderiam ser confundidas como pessoas que ocupam um cargo nos grupos que discutem a “igualdade de gênero”, apenas. A luta feminista não poderia se conformar com uma adequação às linguagens e aos formatos de poder patriarcal e das desigualdades coloniais que estruturam as relações de poder na sociedade ocidental. Ele precisaria ser um lugar de onde a sociedade precisaria ser desconstruída e reinventada.

Considerações finais

A partir desse breve histórico sobre o grupo feminista anarquista Mujeres Creando, é possível fazer algumas reflexões sobre a história recente do feminismo latino-americano, em especial, do Cone Sul. Como apresentado por algumas pesquisadoras do feminismo dessa região do continente é possível pensar que o debate público do feminismo tenha acontecido de forma constante por intermédio da ideia de

“igualdade de gênero”. Esse termo, partindo da crítica realizada por algumas narrativas do feminismo anarquista contemporâneo, pode vir somado a uma tentativa estratégica de visibilizar o feminismo liberal e sua noção de “unidade”, dentro da ideia de especificidade das pautas para as “mulheres”. O feminismo trataria das pautas específicas dos direitos e políticas sociais para as mulheres, via estâncias representativas e estatais; e não, o lugar social de crítica ao domínio patriarcal de onde se parte para produzir projetos revolucionários e de igualdade social.

Essas definições em si, seriam suficientes para outro texto, na medida em que se estabelecem partindo de longos debates da luta feminista de mais de um século, e por isso, não será melhor debatido neste texto.

O que vale salientar a partir da crítica elaborada por esse grupo, ao que denomino como narrativa dominante acerca do feminismo latino-americano, é o potencial questionador, como diria Verena Alberti, das narrativas hegemônicas sobre um determinado momento. Primeiramente, quanto às distintas filiações com o feminismo que marcaram a trajetória de mulheres da esquerda no Cone Sul latino americano, especialmente, pós ao que chamamos de abertura democrática. Ou seja, que apesar de vivermos um processo de abertura nesse momento, a retomada das lutas da esquerda também foi permeada por críticas às reais possibilidades de participação das mulheres. Por outro lado, as memórias políticas das mulheres do grupo aqui analisado lançam a necessidade de debatermos os limites e as potencialidades de categorias como “igualdade de gênero”, tão amplamente difundidas nas últimas décadas. Que feminismo e que “mulheres” essa linguagem, e especialmente, esse formato de militância representa, ou melhor, pensa representar? Que problemas e argumentos são mobilizados na elaboração das críticas sociais levantadas por um feminismo focado na luta pela “igualdade de gênero”? Esse texto é apenas uma pequena contribuição para a provocação acerca das disputas por e nessas narrativas históricas.

Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Fontes Oraís**: Histórias dentro da História. In: Pinsky, Carla B. (org.). Fontes Históricas. 2.ed. – São Paulo: Contexto, 2006, p. 155-202.

CREANDO, Mujeres. **Grafiteadas**. Ediciones Mujeres Creando. La Paz. s.d. 109 p.

GALINDO, María. **No se puede descolonizar sin despratriarcalizar**: teoría y propuesta de la despatriarcalización. Ediciones Mujeres Creando. La Paz. s.d. 225 p.

PEDRO, Joana; WOLFF, Cristina S. (Org.). **Gênero Feminismos e Ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010.

VEIGA, A. **Um mosaico de discursos: redes e fragmentos nos movimentos feministas de Brasil e Argentina**. In: PEDRO, J; WOLFF, C; VEIGA, A. (Org.). Resistências, gênero e feminismos contra as ditaduras no Cone Sul. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011, p.162-163.